

## **Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro**

Verônica Pacheco de Oliveira Azeredo  
Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP-MG  
Centro Universitário do Leste de Minas Gerais – UNILESTE-MG  
vazeredo.21@gmail.com

### **Resumo:**

O objetivo deste artigo é discutir a perspectiva diferenciada de Platão no conceito de Eros, em sua obra Fedro. Platão assinala que o amor genuíno surge em virtude da manifestação da beleza que equivale ao bem e o bem verdadeiramente puro é o amor de Eros, o delírio inspirado pelos deuses. Portanto, o filósofo que é ancorado por esse sentimento ama e deseja alcançar a sabedoria, as essências imutáveis e se utiliza do esforço metódico para o reconhecimento da verdade.

**Palavras chaves:** Eros, beleza, filosofia, bem, verdade.

## **Eros: The Manifestation of Beauty in Phaedrus**

### **Abstract:**

The objective of this article is to discuss a different perspective on Plato's concept of Eros, in *Fedro*. Plato affirms that genuine love comes from the manifestation of Beauty, which is equivalent to the Good and the really pure Good is the love of Eros, the delirium inspired by the Gods. Thus, the philosopher, who believes in this feeling, loves and wants to reach wisdom, the immutable essences, and he uses methodical effort for the acknowledgement of the Truth.

**Keywords:** Eros, beauty, philosophy, well, truth

## **Eros: La manifestación de la belleza en la obra Fedro**

### **Resumen:**

El objetivo de este artículo es discutir la perspectiva diferenciada de Platón en el concepto de Eros, en su obra Fedro. Platón señala que el amor genuíno surge en virtud de la manifestación de la belleza que equivale al bien y el bien verdaderamente puro es el amor de Eros, el delirio inspirado por los dioses. Por lo tanto, el filósofo que es anclado por ese sentimiento ama y desea alcanzar la sabiduría, las esencias inmutables y se utiliza del esfuerzo metódico para el reconocimiento de la verdad.

**Palabras claves:** Eros, belleza, filosofía, bien, verdad.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

Na obra *República*,<sup>1</sup> Eros é caracterizado por Platão como necessidade de ser submetido ao logos, apontando o perigo de deixá-lo entregue a si mesmo. No diálogo *Banquete*<sup>2</sup>, Sócrates apresenta o discurso de Diotima que descreve o mito do amor, afirmando que ele é o encontro entre a Pobreza e Recurso, filho da Prudência. Como foi concebido no aniversário da deusa Afrodite, tornou-se seu servo e amante do belo. O filósofo assevera que o amor é o mediador entre o sensível e o inteligível.

Em sua obra *Fedro*, Platão nos instiga a refletir sobre uma questão que penetra o universo humano: a temática geral do amor e a especificidade do delírio erótico, delírio propriamente filosófico. A obra abrange, também, a questão da arte da retórica, cuja finalidade segundo Sócrates, consiste em dirigir as almas pelo caminho iluminado e cristalino da verdade. É preciso abarcar o sentido do verdadeiro e não o do possível, visto que, se esta não for a finalidade da retórica, ela se transforma em uma arte tenebrosa, grosseira e condenável, servindo, apenas, para iludir as pessoas. As estratégias dos discursos que se apoderam das palavras, “enfeitando-as” com artificios para ludibriar os homens, deixando-os confusos para julgarem sobre o justo e o injusto, o certo e o errado são

---

<sup>1</sup> Na *República* a alma é dividida em três partes: a racional, a irascível e a irracional ou apetitiva e cada uma deve exercer a atividade que lhe é própria para assegurar que a alma seja harmônica, saudável e justa. Pois se alguma parte se desviar de sua tarefa, a alma estará em desarmonia, adocece e é injusta. Vale ressaltar que a parte racional é a superior, cabe a ela comandar, pois sua qualidade específica é a sabedoria.

<sup>2</sup> No *Banquete*, Sócrates se utiliza da mitologia para explicar o amor pela descrição de Diotima: “Primeiramente ele é sempre pobre, e longe está de ser delicado e belo, como a maioria imagina, mas é duro, seco, descalço e sem lar, sempre por terra e sem forro, deitando-se ao desabrigo, às portas e nos caminhos, porque tem a natureza da mãe, sempre convivendo com a precisão. Segundo o pai, porém, ele é insidioso com o que é belo e bom, e corajoso, decidido e enérgico, caçador terrível, sempre a tecer maquinações, ávido de sabedoria e cheio de recursos, a filosofar por toda a vida, terrível mago, feiticeiro, sofista: e nem imortal é a sua natureza nem mortal, e no mesmo dia ora ele germina e vive, quando enriquece; ora morre e de novo ressuscita, graças à natureza do pai; e o que consegue sempre lhe escapa, de modo que nem empobrece o Amor nem enriquece, assim como também está no meio da sabedoria e da ignorância.” (*Banquete*, p. 35.)

mediócras “logógrafos”<sup>3</sup> e merecem o mais profundo desprezo dos sábios, uma vez que a verdadeira retórica é a arte do pensamento, a dialética e sua condição essencial é o saber.

No diálogo platônico, Sócrates se encontra com Fedro que retornava da casa de Lísias<sup>4</sup> e, por recomendação médica, saiu para caminhar pelos arredores da cidade. Fedro, então, convida Sócrates para um passeio fora dos muros da cidade para discutirem sobre o discurso erótico que Lísias<sup>5</sup> havia pronunciado e lhe causado uma bela impressão. Com a afirmativa de Sócrates, os amigos caminham nos campos, descalços, distantes da polis.

É importante ressaltar que o diálogo entre Sócrates e Fedro ocorre em um espaço poético, iluminado, contemplado pela luz do sol. Ao contrário do diálogo Banquete que ocorre à noite em um espaço com menor iluminação. Fedro relata que Lísias, em seu discurso sobre o amor erótico, afirma que é preferível prestar favores a quem não ama que a um apaixonado.

O local escolhido para se instalarem e refletirem é debaixo de um plátano em flores, à sombra, desfrutando de uma brisa e à margem de um rio. Sócrates deita-se para ouvir a leitura do discurso que está nas mãos de Fedro, que é o discurso proferido por Lísias e que assegura que é preferível um amante não apaixonado a um amante apaixonado.

---

<sup>3</sup> Os *logógrafos* (*logográphoi*) eram redatores de peças forenses e os primeiros teóricos da advocacia. Aos poucos, passaram a ser atores fundamentais no sistema jurídico clássico, pois notaram que os julgamentos populares eram exercícios retóricos e persuasivos. Embora distantes cronologicamente, permanecemos assistindo ao poder da eloquência em nossos dias com o intuito de ludibriar nosso entendimento de mundo e nossa forma de atuação no mundo. A advertência socrática merece nosso respeito e atenção, pois como no “Canto das Sereias”, ainda hoje, presenciamos a atuação de “mediócras logógrafos” impedindo a reflexão sobre as questões econômicas, políticas, estéticas, éticas, científicas e religiosas.

<sup>4</sup> Lísias era um mestre da retórica e notável casuístico de Atenas. Redigia razões para ambos os lados nos tribunais. Era o que então se chamava: um logógrafo.

<sup>5</sup> O discurso de Lísias versa sobre o amor entre homens que era habitual na Grécia clássica.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

Com efeito, as pessoas a quem me refiro, os amantes, acabam por se arrepender das complacências que manifestaram, logo que não saciado o seu desejo, enquanto que as outras, as que não amam, jamais têm motivos de que se arrepender. [...] É verdade que os amantes que são mais doentes do espírito do que lúcidos, e que estão cientes da falta de bom senso, da desordem de seu pensamento e da incapacidade de se dominarem. Por conseguinte, como poderão esses homens quando conseguem harmonizar o pensamento, tomar como um bem os desejos que os possuíam no estado de delírio.<sup>6</sup>

Lísias condena o amor de forma generalizada e o amante, em particular. O mestre da retórica infere que Eros é um apetite (*epithymia*), um impulso irracional (*alogos*) e, pela própria doença do espírito, torna-se nocivo e perigoso ao amado. O não apaixonado é mais comedido e possui maior lucidez sobre o amante apaixonado que perde a clareza.

Ao final do discurso, Fedro exprime emoção e encantamento e pede ao amigo para se manifestar. Sócrates reconhece o entusiasmo de Fedro provocado pelo discurso, porém, faz críticas pela falta de qualidade da retórica e pela repetição do mesmo assunto. Assegura que Lísias errou do princípio ao fim e que o discurso está repleto de senso comum. Além disso, ele substituiu a pobreza da invenção pela arte da composição.<sup>7</sup>

Fedro, demonstrando irritação pela crítica, exige que Sócrates faça um discurso sobre o amor, melhor que o de Lísias. O sentimento de bem querer impera e o diálogo é restabelecido. O filósofo, antes de iniciar, pede permissão ao amigo e cobre a cabe.

Em seu primeiro discurso, Sócrates se apoia nas ideias semelhantes ao de Lísias, busca demonstrar os efeitos do

---

<sup>6</sup> *Fedro*, 231a-d.

<sup>7</sup> 236d.

amor e sua parte nociva para as pessoas. Entretanto, o cerne de seu debate está em definir Eros. É preciso definir a natureza ou a essência (*ousia*) do Eros e seu poder e, ao mesmo tempo, assegurar a credibilidade do discurso.

E, dito isto, parece ser de aceitar, como acontece com toda a gente, que o amor é desejo, e que, por outro lado, mesmo as pessoas que não amam desejam sempre o belo. Como poderemos, nesse caso, distinguir entre as pessoas que amam e as que não amam? (...) Posto isso, assentemos em que, quando sai vencedora a forma orientada pela razão, essa forma chama-se temperança, quando é o desejo, que destituído da razão, nos arrasta para os prazeres e nos conduz ao seu belo talante, essa forma chama-se gula.<sup>8</sup>

Platão afirma que o amor é desejo, mas salienta que também temos desejos por objetos. Como então possuir clareza sobre o amor? Além disso, embora tenhamos a tendência a classificar a intemperança como um defeito, somos intemperantes inclusive no amor. O desejo que se torna irresistível,

O desejo que, desprovido da razão, atrofia a alma e esmaga o prazer do bem, e se dirige exclusivamente para os desejos próprios de sua natureza, cujo único objetivo é beleza corporal, quando se lança impudicamente sobre ela, comporta-se de tal maneira que se torna irresistível, e é dessa irresistibilidade, dessa força destemperada, que ele recebe a denominação de Eros ou Amor.<sup>9</sup>

O amor do amante apaixonado é desqualificado, principalmente pela sua intensidade. Lísias já havia rejeitado o comportamento do amor do amante apaixonado porque ele é intemperante e busca o prazer que julga ser o bem. Nesse sentido, a força de Eros é condenável porque o

---

<sup>8</sup> 237e-238a.

<sup>9</sup> 238c.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

amado torna-se um objeto para a satisfação cega do prazer, é desprezível e sem inspiração,

Eis, meu caro, o que se torna necessário ter presente: saber que as boas intenções de um apaixonado não tem por base a amizade, mas que, tal como o apetite de comer, nascem da necessidade de o satisfazer. A ternura de um lobo por um cordeiro, eis a imagem exata do amor que os apaixonados sentem pelo jovem amado.<sup>10</sup>

Portanto, Eros é desejo irracional do prazer proporcionado pela beleza, é impulso irracional e tirânico à procura do belo. Sócrates termina o primeiro discurso, evidenciando as desvantagens de se envolver com o homem apaixonado e “lhe conceder favores”; porém não menciona as vantagens de concedê-los ao não apaixonado.

Fedro, após o discurso, demonstra surpresa uma vez que Sócrates enfocou os apaixonados, não tendo, porém, abordado a questão dos não-apassionados. O filósofo se defende, afirmando que teme ser tomado de entusiasmo<sup>11</sup> decorrente das ninfas e se recusa a continuar. É importante ressaltar que Platão parece abrir o caminho para o novo discurso, pois, ao se preparar para atravessar o rio e ir embora, ouve uma voz do *daimonion* exigindo a expiação, por ter ofendido uma divindade.

A estratégia socrática é sutil, por um lado, ele acompanhou Lisias condenando o amor possessivo e interesseiro; por outro lado, ele se recusa a fazer a apologia do não-amoroso. Com isso, Platão abre espaço para apresentar uma concepção diferente de Eros: o amor como mania inspirada por um deus.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> 241d.

<sup>11</sup> Entusiasmo deriva do grego e significa ter um deus interior ou "estar possuído por Deus". O entusiasmo pode ser descrito como um estado de excitação da alma, quando ela experimenta uma paixão excessiva e também pode ser caracterizado por uma inspiração súbita.

<sup>12</sup> Imaculada Kangussu: *Sobre Eros no Fedro, in Filosofia e Literatura*, Ricardo Timm de Souza e Rodrigo Duarte (Org.), Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004, p. 27.

Divergindo de Lísias, que concebe o amor frio, interesseiro e sem inspiração, como um apetite (*epithymia*), Sócrates entende que o amor não pode ser isolado do delírio, da mania. Em Fedro, o filósofo é, de certa forma, iluminado pela luz do sol e, em sua travessia, é despertado pelo “daimónion” que o impele a não partir sem antes se retratar com os deuses, de fazer uma palinódia. “A alma tem o dom de profetizar. Já enquanto fazia o discurso senti certa perturbação”.<sup>13</sup>

O filósofo temia ter recebido glórias dos homens ao mesmo tempo em que insultara deuses. Sentia que era necessário retratar-se. No discurso de Lísias, da mesma forma que em seu primeiro discurso, Eros foi abordado como uma loucura ruim, com o intento de retirar do homem o juízo perfeito e usar o amante como um objeto para realizar os seus desejos, independentemente dos sentimentos do amado. Aliás, foi evidenciado que o amante é capaz de provocar a infelicidade a quem ama.

Contudo, Sócrates lança as bases da compreensão da identidade de Eros. Se é filho de Afrodite,<sup>14</sup> a deusa do amor, ele é um deus ou um ser divino, conseqüentemente não poderia ser mau e jamais enviaria aos homens uma loucura maléfica, pois os deuses são bons.

Ora existe, para os que cometeram em matéria de mitologia um antigo rito purificador, que nem sequer Homero conhecia, mas que era perfeitamente familiar a Estesícoro<sup>15</sup> que, privado embora da luz dos olhos por ter ofendido Helena;

---

<sup>13</sup> 242c.

<sup>14</sup> Afrodite é a deusa do amor, da beleza e da sexualidade na mitologia grega. Sua equivalente romana é a deusa Vênus. Historicamente, seu culto na Grécia Antiga foi importado, ou ao menos influenciado, pelo culto de Astarte, na Fenícia. De acordo com a Teogonia, de Hesíodo, ela nasceu quando Cronos cortou os órgãos genitais de Urano e arremessou-os no mar; da espuma (*aphros*) surgida ergueu-se Afrodite.

<sup>15</sup> Estesícoro foi um famoso poeta lírico, natural de Himera, colônia grega da Sicília.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

não compartilhava, no entanto, da ignorância de Homero.<sup>16</sup>

O erro de Lísias, segundo Sócrates, estava em apontar a origem do amor como sendo sem inspiração e imprudente, além de desconhecer o impulso que é a alma. O apetite é assinalado como um vazio que necessita de ser preenchido, de ser satisfeito. Ao mesmo tempo, o apetite é reconhecido com um princípio da alma e, como consequência, ela perde sua espontaneidade.

É imperioso destacar que, ao contrário do primeiro discurso, Sócrates faz sua retratação, com a cabeça descoberta, recuperando sua visão e podendo proferir seu discurso acerca do amor e sua relação com os deuses. A cabeça encoberta parece retratar a vergonha do filósofo por afirmar que Eros é maléfico. Estava, portanto, cego e pronunciou o discurso com um entendimento que não era o seu.

Sócrates, então, recrimina Fedro, apontando a imprudência de Lísias e dele mesmo por ter proferido os discursos contra Eros. Assevera, também, que quem inveja o amado e o prejudica não conhece o que é a nobreza do amor. Citando o poeta lírico Estesícoro que se retratou, considera que deve agir da mesma forma. Inicia o seu segundo discurso em louvor ao amor e aos demais enviados pelos deuses, como a profecia, a adivinhação e o dom da poesia que vem das Musas. O filósofo enaltece Eros, o deus do amor, elogiando a loucura (mania).

Não pode ser verdadeiro um discurso ao que, tendo admitido a existência de um apaixonado, postule que devem conceder-se favores ao não apaixonado de preferência ao apaixonado, invocando como justificado o fato de o primeiro agir sensatamente e o segundo se encontrar possesso pelo delírio e da loucura! Seria verdadeiro se a loucura fosse

---

<sup>16</sup> 243a. Segundo uma versão da lenda, Homero ofendeu a Helena, atribuindo-lhe a culpa pela guerra de Tróia e como castigo feito à honra, ficou cego. Estesícoro também atribuiu a Helena, a guerra de Tróia e, por esse motivo, os deuses o cegaram. Mas as Musas lhe revelaram o motivo da cegueira e, então, ele escreveu sua palinódia.



apenas um mal; mas acontece que muitos dos nossos bens nascem da loucura inspirada pelos deuses.<sup>17</sup>

Sócrates, em seu segundo discurso, imprime uma concepção mais ampla sobre o conceito de loucura. Como havia mencionado em seu primeiro discurso, é preciso uma análise mais aprofundada dos termos, é fundamental possuir clareza conceitual. Adverte que Lísias, em seu discurso, não analisou os diferentes sentidos do termo mania, que pode caracterizar uma ação condenável ou uma possessão divina. O cerne da questão está na diferenciação platônica do delírio divino que permite uma nova definição sobre a verdadeira natureza do amor.

O delírio e a possessão divina, do ponto de vista socrático, representam uma dádiva dos deuses e fonte de sabedoria. A loucura divina inspira as profetisas de Delfos e as sacerdotisas de Dódona como, também, concede inspiração aos poetas e a imortalidade aos heróis. Sócrates adverte que as manifestações da loucura inspirada pelos deuses, ocorrem da seguinte forma: a primeira seria profética e está ligada a Apolo;<sup>18</sup> a segunda, mística, ligada a Dioniso;<sup>19</sup> a terceira, a poética, ligada às Musas e, finalmente, a quarta, a erótica, ligada à Afrodite e a Eros.<sup>20</sup> Por conseguinte, se o amor é uma divina loucura, procedente de Eros, ele é um benefício.

Arêas aponta que, “Tomado como objeto da transposição filosófica, o Eros revela sua verdadeira natureza: forma particular do delírio divino, ele não se furta, contudo, a pensar-se a si mesmo. O Eros filosófico é,

---

<sup>17</sup> 244a.

<sup>18</sup> Apolo, na mitologia grega, era o deus das artes, da música, da profecia, da verdade, da poesia, da harmonia, da perfeição e da cura.

<sup>19</sup> Dionísio, o deus grego do vinho, das festas, do prazer e do delírio místico. Filho da princesa Sêmele e de Zeus, foi o único deus filho de uma mortal e, de todas as divindades, era a que mais se aproximava dos homens.

<sup>20</sup> Embora, para os gregos, Eros possuísse o significado de desejo sexual, em Fedro, representa o impulso que conduz a alma em busca da satisfação que transcende a experiência sensível.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

com efeito, a própria potência que faz pensar”.<sup>21</sup> Portanto, o pensar inspirado por Eros configura o impulso do conhecimento.

Lísias caracteriza o amor-paixão (*epithymia*), Sócrates contrapõe a ele conceituando o amor-delírio (mania), dádiva e inspiração divina. A loucura do amor é reconhecida por Sócrates como uma graça divina e a mais excelente mania, “pois o amor foi enviado pelos deuses do amante e do amado, e é isso mesmo, contra aquela tese que procuraremos demonstrar: os deuses desejam a suprema ventura daqueles a quem foi concedida a graça da loucura”.<sup>22</sup> Logo, Eros age sobre a alma impulsionando-a a uma satisfação que transcende a experiência terrestre e liga o humano ao divino. No entanto, é preciso alcançar a verdade sobre a natureza da alma, tanto divina como humana, observando suas paixões, seus atos e sua relação com o corpo.

Assim como em outras obras, Platão assegura que a alma é imortal, pois “O que move a si mesmo não pode ser outra coisa senão a alma, de onde se segue necessariamente que a alma é simultaneamente incriada e imortal”.<sup>23</sup> A alma é o ponto de partida de onde tudo começa a existir, é princípio (*arché*). Sócrates conclui que, se a alma é algo que já se formou é imortal. No entanto, ela também é um princípio epistemológico, potência espontânea que faz pensar.

O próprio conhecimento é uma função privilegiada da alma na medida em que deriva dessa atividade ou movimento da inteligência (*nous*) que consiste em retornar (recordar) à natureza constitutiva das coisas.<sup>24</sup>

Para Platão, a alma humana é fundada pela parte irracional (desejo) e a parte racional. As duas partes,

---

<sup>21</sup> James Arêas: “O delírio dos deuses e a loucura dos filósofos”, pp. 05-24, *Comum. Revista de Filosofia*, n° 11, Rio de Janeiro, julho-dezembro, 2005, p. 10.

<sup>22</sup> 245b-c.

<sup>23</sup> 245e.

<sup>24</sup> Arêas, James, *Op. Cit.*, p. 12.

entretanto, necessitam atuarem juntas para adequarem o desejo ao argumento racional. Para facilitar a aprendizagem, ele penetra no universo mítico com o intuito de tornar visível para a maioria dos não-filósofos os argumentos que poderiam ser difíceis de serem compreendidos de outra forma. O mito, embora não viabilize o conhecimento pleno da verdade, proporciona uma iniciação da aprendizagem e estabelece configurações importantes para a visibilidade, propiciando a mediação entre o racional e o irracional.

Platão, no segundo discurso, busca caracterizar a alma e explicá-la como força natural e ativa e se utiliza da imagem de uma parelha de dois cavalos alados e um cocheiro como seu condutor.

Os cavalos dos deuses são de boa raça, mas os dos outros seres são mestiços. Quanto a nós os cocheiros de uma atrelagem puxada por dois cavalos, sendo um belo e bom, de boa raça, e sendo o outro precisamente o contrário, de natureza oposta. De onde provém a dificuldade que há em conduzirmos o nosso próprio cavalo.<sup>25</sup>

A alma dos deuses por ser alada, é representada pelos dois cavalos bons e um cocheiro: são leves e podem ser conduzidas nas alturas. Divergindo dos deuses, a alma dos homens é representada por um cavalo de raça, que é bom e outro que é mestiço, é ruim. O cocheiro deve conduzir e dominar a ambos. O cavalo de má qualidade inclina-se e puxa a parelha para a terra, tornando o trabalho de caminhar nas alturas bastante penoso, pois.

Portanto, a alma humana é derivada de uma combinação e se inclina em direções antagônicas. Encontra-se em sua forma terrestre, coberta por um corpo que ela anima e impulsiona, porém trai sua condição decaída. Como a alma humana perdeu suas asas, os cavalos têm dificuldades para caminhar nas alturas, por isso não lhe é permitida acompanhar Zeus e seguir o cortejo divino que percorre o universo. “Ora, a natureza

---

<sup>25</sup> 246b.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

divina é bela, sábia e bondosa, dispondo de todos os atributos pertencentes a essa categoria”.<sup>26</sup>

As almas puras atingem a região supra-celeste, experimentam a alegria em sua plenitude e iniciam um movimento circular que lhes consente contemplar as realidades que se encontram fora da abóbora celeste. Tais realidades só podem ser apreendidas pelo intelecto. São verdadeiras, eternas e constituem a essência de todas as coisas e o alimento dos deuses.

Enquanto este movimento dura, a alma pode contemplar a Justiça em si mesma, bem como a Ciência, pois ela tem na sua frente, sob os seus olhos um saber que nada tem a ver com este que conhecemos, sujeitos às modificações futuras, que se mantém sempre diversificado na diversidade dos objetos aos quais se aplica e aos quais, nesta existência, damos o nome de Seres. Ela é verdadeiramente a Ciência que tem como objeto o Ser dos Seres.<sup>27</sup>

As almas humanas, também, buscam o único alimento que possa satisfazê-las plenamente, porém, na maioria das vezes, têm dificuldades para dominar os corcéis. Sócrates as divide em três grupos: o primeiro seria o que contempla os verdadeiros seres, ao conseguir acompanhar o caminho dos deuses e o movimento circular. O segundo oscilaria: em alguns momentos, conseguiria se elevar; em outros, afundaria e conheceria, apenas, parcialmente, a realidade. E, finalmente, o grupo restante, que caminharia com o desejo de conhecer, no entanto, não possuindo força suficiente, não atingiria a contemplação.

Ser nutrido pela verdade torna as asas leves e quem não se alimenta da verdade, é sustentado apenas pela opinião. As almas humanas têm muita dificuldade de dominar a desarmonia dos corcéis e, na ânsia de encontrarem o único alimento que pode satisfazê-las plenamente, acabam por atropelar umas às outras e muitas

---

<sup>26</sup> 246e.

<sup>27</sup> 247e-248a.

perdem suas asas, caindo na terra instalando-se em algum corpo.

Platão descreve as nove etapas pelas quais a alma humana passa antes de retornar ao seu ponto de origem. O período para a alma completar as etapas demora, aproximadamente, dez mil anos, “com exceção dos filósofos e dos que amam o jovem com amor filosófico”<sup>28</sup> que poderão partir da terra em três mil anos, se escolherem por três vezes consecutivas a vida da filosofia, ganham, então, as asas e afastam-se. As almas justas receberão a melhor parte e as injustas a pior. O percurso é utilizado como aparato para explicar o processo para o homem atingir a Forma única ou Ideia, consentido que, a partir da multiplicidade de sensações, se atinja a unidade, inferida pela reflexão.<sup>29</sup>

É importante ressaltar que o filósofo conserva a memória que se mantém fixada nos objetos verdadeiros. Por conseguinte, ele se assemelha a uma divindade, pois sua alma está direcionada para os objetos divinos e faz com que o julguem como louco, no entanto está verdadeiramente possuído por um deus.

Sócrates afirma que a quarta espécie do delírio ocorre quando “vivendo neste mundo, se consegue vislumbrar alguma coisa bela. A alma recorda-se então da Beleza real, recebe asas e deseja subir cada vez mais alto”.<sup>30</sup> O filósofo assegura, também, que quem delira dessa forma ama o que é belo.

A visão do belo na esfera sensível provoca ou estimula a reminiscência da beleza verdadeira. Como o filósofo, o amante é tomado por um extremo entusiasmo, expansão vital e estremecimento febril que se espalha por toda a alma. A visão do objeto amado incita o nascimento

---

<sup>28</sup> 249a.

<sup>29</sup> 249b.

<sup>30</sup> 249d.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

das asas e desperta a busca incansável pela beleza.<sup>31</sup>

Contudo, o amante que não é filósofo só reconhece no belo o objeto do prazer sensual e se entrega com toda a força do seu desejo. Imbuído de paixão, o amante abandona todas as suas ocupações e se entrega à veneração ao ser que possui a beleza e, além disso, está disposto a sacrificar-se para o amado. “Efetivamente, não contente em venerar o ser que possui a Beleza, ela encontra nele, e só nele, o remédio para a sua grande dor”.<sup>32</sup> Apesar disso, se o amado lhe escapa, logo surge a outra face de sua paixão: a impetuosidade tirânica de seu amor que se atira na busca implacável do amado. A esse Eros tirânico, os homens o chamam de amor, mesmo quando o desvalorizam, da mesma forma que Lísias considera em seu discurso.

Para os mortais, o amor é alado e, para os deuses, Eros é Pteros, aquele que faz crescer as asas.<sup>33</sup> Por conseguinte, só o amante-filósofo pode liberar a verdadeira potência de Eros e ultrapassar o amor-paixão para o encontro da beleza em si.

Vale ressaltar que o possuidor da beleza é considerado o médico, aquele que possui o *phármakon* adequado ao doente. O *phármakon* precisa ser bem administrado, pois pode servir como remédio e curar, mas, também, se mal administrado, pode ser veneno e matar. Se o amado é o médico, deve administrar bem o amor para o doente, que é o amante, aquele que se encontra em estado de loucura. A dosagem não possui o objetivo de curar plenamente o amado, pois este é possuído por Eros, que recebe o amor em sua alma e, pela possessão divina, é tomado de loucura. Porém, com a dose correta do *phármakon*, o amante não perecerá em sua loucura.

Cada ser humano escolhe o amor conforme seu caráter, sua aptidão por alguma imagem que tem da divindade.

---

<sup>31</sup> Arêas, James, *Op. Cit.*, p. 14.

<sup>32</sup> 252b.

<sup>33</sup> 252b.

Dessa forma irá procurar no amado uma correspondência com um dos deuses que compõem o panteão grego, fazendo do amado uma imagem de seu próprio deus.

Há, desse modo, diferentes formas de representar o amor e diferentes almas. Zeus corresponde ao amor-filósofo; Hera, a um rei ou a um político; Apolo, a arte e a adivinhação, bem como os outros deuses, regulam o comportamento e procuram que a pessoa amada se adapte à natureza do deus escolhido, assim preservam o divino em seu amor.

Cada um escolhe o amor segundo o seu caráter e como diferenciam o objeto escolhido uma espécie de imagem da divindade, erigem-lhe uma estátua no coração, com o fito de o adorar e de prestar um culto secreto.<sup>34</sup>

É imperioso destacar que o amor, na obra Fedro, se assemelha ao divino. Os amantes que amam verdadeiramente correspondem ao deus que cada alma escolhe venerar e o amado que se entrega à conquista do amante que delira encontrará a felicidade plena. Não possuem “inveja do amado nem mesquinhas malquerenças. Pelo contrário, tudo fazem para tornar os seus amados semelhantes aos deuses, e desse desejo se encontram animados os verdadeiros amantes”.<sup>35</sup>

Portanto, o filósofo é aquele que viu a verdade e a beleza, a verdadeira beleza que elabora o discurso inspirado. É, ao mesmo tempo, o amante que une a forma mais alta do delírio divino ao saber mais verdadeiro e tem repulsa pela injustiça e a corrupção.

Sócrates, novamente retoma o mito da parelha alada representando a questão da alma tripartida: duas partes são dos corcéis e a outra do cocheiro. O cavalo bom é “amoroso da honra, da moderação e da modéstia, além de amigo da opinião verdadeira”,<sup>36</sup> o outro é “companheiro da

---

<sup>34</sup> 252d-e.

<sup>35</sup> 253c.

<sup>36</sup> 253d.

### ***Eros: a manifestação da beleza na obra Fedro***

arrogância e da teimosia”.<sup>37</sup> Ao avistar o amado, a alma, transbordante de paixão, é estimulada pelos sentidos e se enche de desejo. O cavalo mau, na ânsia de sentir os prazeres afrodisíacos, avança em direção ao amado. Porém, o cocheiro relembra a natureza da beleza e é tomado de respeito e temperança e, novamente, puxa as rédeas para trás a fim de recuar um pouco os cavalos. A melhor parte da alma sai vitoriosa. A conduzida pelo bom corcel representa o amor do filósofo que é modelo de virtude, de vida exemplar. Tal modelo é um convite ao amado para que seja capaz de ultrapassar sua condição de objeto e se tornar também o amante. O afeto do amado pelo amante deve se transformar em amizade (*philia*), pela sabedoria (*sophia*) e, no amor, pela verdade que é a *philosophia*.

Platão conclui que nenhum outro amor que se origine de uma sabedoria prática ou de qualquer outra forma de delírio pode se equiparar ao Eros filosófico. O amor do filósofo que é reservado para o amado e, ao mesmo tempo, ao amante assegura a harmonia e felicidade. Além disso, permite o crescimento das asas, preparando em vida, o retorno à pátria celeste.

---

<sup>37</sup> 253e.